

Mal de amor, de Marco Lucchesi.

São Paulo: Editora Patuá, 2018. 102 p.

Débora de Freitas Ramos

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ – Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0002-4331>
rdebora341@gmail.com

O mais recente livro de Marco Lucchesi, *Mal de amor* (2018), é obra poética dedicada a um nome feminino: Constança. Poesia entrecortada por trevas de páginas negras como a *selva oscura* onde Dante Alighieri caminhou antes de suas circulações pelo vestíbulo infernal. O poeta italiano medieval visita, nesses termos, o ítalo-brasileiro, e em lugar das preces de Beatriz, Lucchesi se depara com a nudez de uma mulher marítima, arenosa, pura e letal.

Ela é a casa. Fora dela, dispersão. Diáspora. Longe do lar, fragmentos de lembranças alimentam o andarilho entre dunas e solidão, por meio das areias de um Saara infinito, sem esperanças. O desejo, com fome e sede, encontra sepulto e aniquilação nas águas geladas do oceano feminal. O poeta se transfere para o dorso de seus suspiros: uma ilha solitária banhada por nostalgia e indiferença.

Mal de Amor é o testemunho de um amor mortífero, regenerador, afrodisíaco, alquímico. A fênix que pulsa firme na jugular de uma saudade, intermitente e eterna, como a inscrição dos portões do Inferno dantesco. *Mal de Amor* é a resistência de um amor naufrago que não se deixa morrer pelo dilúvio da rejeição. *Mal de amor* é um bem-querer que não cessa, sobrevive e vive, ainda que longe.

De Salamanca, o livro conta com o belo prefácio de Montserrat Villar González que introduz o leitor ao ambiente enigmático da poética de Marco Lucchesi: “Um desejo quase místico como aquele expresso por Fray Luis de León ou Santa Teresa de Jesus em sua busca da comunhão absoluta com Deus. Conhecer-se aqui e agora, abraçado pela natureza que nos rodeia, é conhecer-se vivo e significativo, cúmplice de algo maior que nos povoa em sua grandeza” (p. 06). Talvez, por essa motivação mística detectada por Montserrat González, o livro esteja dividido em três partes em conformidade com a trindade cristã, na qual, uma vez unidas as parcelas, o *três* transmuta-se em *um*, o *um* em *três*. E por essa mesma matemática *dois* corpos somam *um*: o amante e a mulher amada.

Também pela partitura de Lucchesi são dedilhadas as cordas de três violões, como as três partes em que se divide a obra. A nobre tríade instrumentaliza a perturbação sacra da tormenta poética ao introduzir cada segmento por uma epígrafe musical: em *Pontos de Fuga*, uma indicação de “Folhas Secas”, de Nelson Cavaquinho; em *Pavanas*, evocação de uma sonoridade singular; em *Conjunções*, a afinação de Cartola na canção “Preciso me encontrar”. Esses apontamentos unem o poeta a tantos outros que, concidentemente, padeceram do mal de amor, seja na letra das canções aludidas, seja no choro das cordas que entoam as pavanais.

No primeiro momento, *Pontos de Fuga*, o epicentro é a sondagem do corpo feminino “Teu dorso constitui um mundo novo. Olho para a constelação de Órion. Sempre mais baixa, como se pudesse tocá-la” (p.30). Ébrio, nos braços de Eros, o poeta rememora o gozo dos corpos amantes, eternizando esse momento através da natureza e seu ciclo

ininterrupto. Na cópula entre sol e lua, mar e terra, o amante e a amada se encontram em uma zona atemporal como tentativa de superar as consequências do fim.

Em Pavanais, o desejo se transfigura em palavras. Uma avalanche de metáforas achata o poeta, exposto em ossos e epiderme. Aqui, o sentimento de aniquilação é grave e irreversível como a morte: “Um salto irreversível no silêncio e um áspero desejo de partir” (p.45). A vida em filetes, esguia e abatida por inanição parece ser o destino do amante na ausência de sua nutriz.

Na parte final, *Conjunções*, o leitor é surpreendido pelos seguintes versos: “A correnteza não perdoa indecisões. Sou sempre menos o que fui. E sempre mais o que não sei.” (p. 84). Isso porque o poema muda de tom, não se trata mais de um movimento erótico visceral, mas de uma reflexão que dele resultou. O amante foi menos do que poderia ser, foi pura indecisão, poderia estar mais presente em seu passado. Por essa leitura é possível contemplar o fim de seu estado orgânico, o fim do ciclo vital: “Desfaleço do mal de amor” (p. 95). A ausência dessa presença evidencia a morte do ser que se transmuta de orgânico para os inorgânicos minerais: “E tudo se transforma em pedra e sal” (p. 100).

O livro de Lucchesi é uma declaração de amor. Belo. Único. Decorado com os mais diversos tipos de uma flora específica. A obra fere o peito do leitor, daquele que leu em Shakespeare sobre as cicatrizes que o amor pode provocar. Nos versos do poeta, vemos que por esse sentimento a vida avança além de seus limites e se realiza em plenitude, conforme acrescenta Clóvis Da Rolt ao comentar sobre os poemas lucchesianos: “A vida na qual o amor se realizou é, sem dúvida, uma vida justificada.” Por isso, em *Mal de amor*, o amor é a energia fundamental que movimenta a vida, do modo como foi em Dante: “*L' amor che move il sole e l'altre stelle*” (Paraíso, XXXIII).